

## O Sr. Marx e a dinâmica econômica<sup>1</sup>

Leonardo Gomes de Deus<sup>2</sup>

### Resumo

O artigo discute a contribuição da obra marxiana para o desenvolvimento de uma teoria da dinâmica econômica. O ponto de partida é a formulação de Grossmann de 1941 para, em seguida, serem abordados os elementos de uma análise da dinâmica econômica, bem como da crise, nos esboços póstumos de *O Capital*.

### Palavras-chave

Crise econômica; dinâmica econômica; Henryk Grossmann; Karl Marx; Marx-Engels Gesamtausgabe.

### Abstract

This paper discusses the Marxian contribution to the development of a theory of economic dynamics. The point of departure is the book by Henryk Grossmann published in 1941 in order then to analyze the main features of such a theory in the posthumous drafts of *Das Kapital*.

### Key-words

Economic crisis; economic dynamics; Henryk Grossmann; Karl Marx; Marx-Engels Gesamtausgabe.

*JEL Classification:* B14; B31.

---

<sup>1</sup> Este texto é parte do projeto de pesquisa *Marx em Tempos de MEGA*, financiado pelo CNPq e desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Economia Política Contemporânea.

<sup>2</sup> Professor adjunto do Departamento de Ciências Econômicas da UFOP.

## Introdução

Nunca se cogitou identificar *A riqueza das nações* com as atrocidades do império colonial da Inglaterra. Também, nunca se disse que Milton Friedman estivesse errado em razão dos cadáveres do regime de Pinochet. No entanto, no nível prosaico, a obra marxiana tem sido identificada permanentemente com os destinos de Andropov ou Hoxha e isso seria suficiente para invalidar sua trajetória intelectual e mesmo sua atuação política no século XIX. De fato, os últimos vinte e cinco anos assistem ao retorno da visão que se tinha no Ocidente a respeito de Marx no início do século passado, qual seja, a completa irrelevância, mera curiosidade histórica. Quando ainda havia a ameaça da União Soviética, porém, Paul Samuelson, Mário Henrique Simonsen, Von Mises e tantos outros se debruçaram sobre a obra de Marx, ou por outra, havia a necessidade de criticar e desconstruir a crítica da economia política do ponto de vista teórico. A invisibilidade da obra de Marx na teoria econômica contemporânea, porém, tem raízes no próprio desenvolvimento do marxismo.

Com efeito, durante o século passado, depois da vaga revolucionária de suas primeiras décadas, foi realizado o desmanche do esforço promovido por vários pesquisadores e a obra de Marx se tornou caricatura para a legitimação do poder soviético.<sup>3</sup> Enfim, estabeleceu-se o divórcio entre pensamento e prática. Com a abertura dos arquivos soviéticos, por exemplo, sabe-se com detalhes o andamento dos expurgos stalinistas no interior do Instituto Marx-Engels, criado em 1921 por Riazanov, para estudo e publicação das obras completas de Marx e Engels. A partir de 1931, Stálin se ocupou pessoalmente de silenciar o Instituto, até então uma fundação com relativa autonomia em relação ao poder central, com prerrogativas tais como viagens ao exterior e contato com intelectuais do ocidente. Segundo Rokitjanskij (2001: 14), o primeiro método empregado foi a tentativa de destruir por dentro o trabalho do Instituto, a sabotagem. Dado o seu insucesso, tratou-se de eliminar fisicamente seus elementos mais proeminentes.

A perda dessa oportunidade histórica significou a retirada do marxismo do campo de batalha intelectual que considerava mais importante, qual seja, a ciência econômica. Vários autores empreenderam pesquisas importantes, mas num esforço sempre isolado, intelectual e sem pertinência social, caso, por exemplo, de Mattick, Rosdolsky, Mandel. As potencialidades de pesquisa teórica e aplicada se enfraqueceram constantemente. Em verdade, a partir da segunda metade do século passado, o marxismo esteve

---

<sup>3</sup> Por outro lado, a ascensão do nazismo marcou o fim do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt.

progressivamente condenado a ser nota de rodapé exótica entre ortodoxia e heterodoxia, duas faces do mesmo aparato destinado a garantir o bom funcionamento do sistema capitalista, a partir de então, pressuposto e dogma inatacável da ciência. Parece sintoma do tempo que, sempre que a esquerda marxista se fortaleceu e se estabeleceu no poder ou perto dele, tratou de se afastar de Marx. Foi assim com os socialdemocratas alemães no início do século passado, depois na União Soviética e também com a esquerda latino-americana de hoje<sup>4</sup>.

O presente texto tenta recuperar e discutir uma concepção que foi abandonada ainda em seu nascedouro, ou pior, muitas vezes omitida de modo cínico pela teoria econômica oficial: a formulação de uma teoria da dinâmica econômica no interior da obra marxiana. Coube a Henryk Grossmann o mérito de formulá-la de modo explícito, ainda que indicativo, em 1941, muito antes de a ciência econômica canônica se apropriar da questão a seu modo. Fundamentalmente, em seu opúsculo *Marx, a economia política clássica e o problema da dinâmica*, Grossmann chamou a atenção para o fato de que a crítica da economia política consistiria na afirmação de uma teoria dinâmica, ou por outra, o descarte da postulação da economia clássica de uma tendência da economia ao equilíbrio<sup>5</sup>. No interior do marxismo, essa crítica voltou à tona somente no final do século passado, quando se tratou de dar uma resposta cabal ao chamado problema da transformação dos valores em preços. Ou seja, uma vez mais, Marx foi tardiamente evocado e para se discutir um aspecto particular de sua teoria<sup>6</sup>.

Além desta introdução, o texto está dividido nas seguintes seções: a questão do equilíbrio na economia clássica; os fundamentos de uma dinâmica econômica a partir de Marx; a tematização marxiana das crises nos manuscritos da MEGA. Uma conclusão arremata o argumento e indica os possíveis caminhos a serem seguidos por esta pesquisa.

## **1. O equilíbrio econômico diante da crítica da economia política**

As categorias econômicas, na obra marxiana, são formas do ser-social, formas de ser, concretização pensada da existência social, compreendidas por meio do esforço de abstração. Captar a essência do capitalismo, por isso, é antes de mais nada compreender seu caráter dinâmico, mutável, que desmancha tudo que é sólido. O capitalismo, para Marx, não deveria e não poderia tender para o equilíbrio, pois, caso contrário, a

---

<sup>4</sup> Cf. De Deus (2010: 34).

<sup>5</sup> Esse tema já aparece em sua obra de 1929, *A lei de acumulação e colapso do sistema capitalista*.

<sup>6</sup> Cf. v.g. Freeman & Carchedi (1995) e, entre nós, Borges Neto (2002).

contradição da história, a luta de classes, teria a sua suspensão. Mesmo quando se parte do equilíbrio de oferta e demanda, ainda assim o sistema escapa do equilíbrio, dada sua tendência à acumulação, corolário de sua sempiterna pulsão de extração de trabalho vivo. Assim, desde o primeiro passo analítico de *O Capital*, desde sua categoria mais elementar, está posta a dualidade, no extremo, a contradição e, por conseguinte, a possibilidade de afastamento do equilíbrio. Ou por outra, com a singela descrição da mercadoria, Marx demonstra, de antemão, a potencial contraditoriedade do mundo do capital. Como numa partícula atômica, seu universo todo está contido em cada uma e em toda mercadoria, todas elas marcada pela tendência, pela possibilidade de crise. O ponto de partida da crítica, portanto, é a mercadoria e desde já ela é destacada como modo de vida inviável e insustentável. Criticar a economia política é, em primeiro lugar, descartar o mundo da mercadoria.<sup>7</sup> Em segundo lugar, trata-se de rejeitar certa concepção, surgida a partir do século XIX, do mundo burguês que legitima a ciência econômica e é por ela defendido. A crítica da economia política, em verdade, ao se contrapor à economia clássica, trata de descartar principalmente certos procedimentos de que lança mão para legitimar o mundo existente. Pode-se detectar nela um movimento que parte das indagações legítimas da ciência, presentes em Smith e Ricardo, até a defesa do capitalismo por meio de expedientes de encobrimento e generalizações desprovidas de rigor, caso de Say e Malthus. Essas posições foram agravadas, em última análise, pela própria intensificação da luta de classes, depois de consolidada a hegemonia burguesa com a Restauração. Para Marx, criticar a economia política consiste justamente em denunciar sua mistificação, que toma o real e o contingente por universais eternos. Uma dessas mistificações é afirmar a tendência da economia capitalista ao equilíbrio, ou, pior, defender a capacidade de governos de mantê-la próxima dessa situação. A econômica clássica e principalmente seus sucessores trataram de apagar, de modo mistificado, as contradições que estão na própria raiz da economia capitalista, isto é, no interior da própria mercadoria e no modo de produzi-la. O marginalismo, com efeito, marcou a quase completa exclusão da produção de qualquer análise, com consequências profundas para o tema em questão. E pior, desconsiderou o vínculo entre satisfação de necessidades (utilidade) e a troca de mercadorias por seu valor. O problema foi assim formulado por Grossmann:

“Desde o surgimento da teoria da utilidade marginal e da escola matemática, a análise dos processos de produção concretos foi excluída progressivamente como componente da teoria, para constituir apenas seu pressuposto e sua estrutura; a análise voltou sua atenção quase

---

<sup>7</sup> Cf. De Paula (2008), sobre a rejeição do mundo da mercadoria.

exclusivamente para as relações entre grandezas de mercado dadas. Com isso, ela adquiriu um caráter estático e não foi capaz de explicar as modificações estruturais, dinâmicas da economia. A teoria econômica marxiana significou uma mudança de princípios em relação a ambas as tendências [economias clássica e neoclássica – LdD].”<sup>8</sup>

Dito de outro modo, a economia canônica está circunscrita a dois fenômenos bastante aparentes, superficiais: os fetichismos de mercadoria, dinheiro e capital, por um lado, e a aparência da sociedade de classes, isto é, a transformação dos fatores de produção em origem das suas respectivas rendas, por outro. Com isso, desaparecem as relações sociais peculiares da sociedade capitalista, o que permite à ciência econômica advogar sua utilidade histórica infinita. Essa a razão, segundo Grossmann, de causar profunda estranheza toda a parte do livro primeiro de *O Capital* dedicada às formas concretas de extração do mais-valor relativo, formas absolutamente contingentes do ponto de vista histórico e bastante diversas entre si, da cooperação até a maquinaria.<sup>9</sup>

Seja como for, toda a ciência econômica do século passado buscou conciliar princípios inconciliáveis, equilíbrio e dinâmica, tudo para acolher o inesgotável crescimento econômico e, sobretudo, as crises sucessivas. Nunca foi capaz, entretanto, de fazer uma síntese orgânica entre as categorias em questão. Não é nosso objetivo aqui expor as contradições e as tentativas de superá-las no *mainstream*. Basta dizer que o imperativo hoje da crítica da ciência econômica é a retomada e atualização precisamente dessa perspectiva, muito bem desenvolvida por Grossmann: o *stationary state* é o mais irreal dos conceitos, segundo ele, embora, setenta anos depois, tenha-se tornado um dos dez mandamentos da ciência econômica.<sup>10</sup> Além disso, a tentativa de sua superação pela ciência heterodoxa acabou por reiterar, mesmo que por perspectiva diversa, a tentativa desesperada da ciência econômica como um todo de salvar o sistema, razão de sua popularidade momentânea em tempos de crise.

## 2. Princípios de uma dinâmica econômica: da mercadoria à crise

Cumprir iniciar com uma provocação das mais honestas: embora tenha escrito muito sobre crises, afinal, existe uma teoria marxiana das crises? Infelizmente, a própria pergunta tem

---

<sup>8</sup> Cf. Grossmann (1969: 26). Essa também é a posição de Rubin (2012: 14): “Quando se tratasse da troca acidental entre dois produtos em sua forma natural, então Böhm-Bawerk teria razão, que tal troca seria regulada por meio de necessidades particulares das pessoas nela participantes e sua valoração subjetiva da utilidade relativa dos produtos.” Trata-se de um processo social de equivalência, jamais submetido ao arbítrio e às preferências de indivíduos, nunca contingente.

<sup>9</sup> Essa também a razão de, no volume publicado, Marx ter diluído as *subsunção formal* e *subsunção real*, ainda que ali descritas de fato. Na edição de 1867 (MEGA II/5), aparecem poucas vezes, se comparadas com a exposição do *Capítulo Seis, inédito* (MEGA II/4).

<sup>10</sup> Grossmann, *ib.*, p. 49 e ss.

o viés de nosso tempo, equivalente a perguntar se Marx possui um modelo econômico sobre as sociedades capitalistas. Nada mais falso, nada mais estranho ao pensamento marxiano apresentar um modelo para qualquer aspecto da vida social. Leituras como essas nos levaram à formulação do “materialismo histórico-dialético” e à defesa de um método infalível para a vitória na luta de classes. Marx, naturalmente, não formulou uma teoria das crises porque suas pretensões científicas eram um tanto mais amplas, a saber, compreender um modo de vida social que envolve, progressivamente, a todos e apontar as condições de sua superação. Esse modo de vida tem como principal atributo, e isso já está consignado em textos do jovem Marx e também no *Manifesto*, seu caráter dinâmico e predatório, que transforma todas as instâncias da vida em capital (e mercadoria), a partir da dialética de dinheiro e mercadoria. Vejam-se os incontáveis exemplos que Marx fornece, nas *Teorias do Mais-Valor*, a respeito de trabalho produtivo e improdutivo e a crescente expansão das esferas de acumulação.<sup>11</sup> Não é dessa dinâmica que se trata aqui, como bem apontou Grossmann no texto citado.

No nível da crítica da economia política, a formulação de uma teoria dinâmica sempre enfrentou um vício de origem: a separação das categorias analíticas, conforme se analisem os diversos livros de *O Capital*. A ênfase ora recai nos esquemas de reprodução, ora, no livro terceiro. Contemporaneamente, até a tematização sobre a lei geral da acumulação, no livro primeiro, tem merecido destaque como pressuposto de uma teoria da dinâmica econômica. Parece irônico, mas, quando se tratou de crise e dinâmica econômicas, as leituras de Marx, via de regra, acabaram por fazer aquilo que ele tratou de apontar na relação entre os hegelianos e o pensamento do próprio Hegel, isto é, separar analiticamente as categorias, sem a devida síntese ou visão de totalidade. Essa tarefa, naturalmente, será apenas apontada aqui em suas linhas gerais.

Na verdade, todos os passos analíticos, nos três livros, foram dados para que se observe o objeto em análise sob pontos de vista cada vez mais complexos, isto é, mais próximos do real, do concreto pensado. Considerando o caráter universal e abstrato do livro primeiro, o livro segundo guarda justamente a ênfase na particularidade, nas diversas manifestações particulares desse capital universal, social, todas a percorrer o circuito capital dinheiro, capital produtivo e capital mercadoria. É nesse ponto que Marx, diferente

---

<sup>11</sup> No nível prosaico: “Um ator, p. ex., um *clown* é, de acordo com isso [relações sociais e não natureza – LdD], um trabalhador produtivo, se ele trabalha a serviço de um capitalista (o empresário), a quem ele retorna mais trabalho do que dele recebe na forma de salário, enquanto é mero trabalho improdutivo um alfaiate que vai à casa do capitalista e lhe remenda as calças, ele cria apenas um valor de uso.” (MEGA II/3, p. 444).

de toda a ciência precedente, introduz a noção de tempo e, segundo Grossmann, fornece os elementos cruciais, ainda que não totalmente, para a compreensão de uma dinâmica econômica. A sucessão de capital-dinheiro, capital produtivo e capital-mercadoria deve ocorrer no tempo ininterruptamente, caracterizando assim o processo normal de circulação do capital, condição e sucedâneo do processo de produção descrito no primeiro livro.<sup>12</sup>

De todo modo, o que é apenas indicado no livro primeiro, a saber, a possibilidade de crises, seja pela dualidade entre valor e valor de uso na mercadoria, seja pela contradição entre trabalho necessário e trabalho excedente na acumulação, a partir dos temas abordados no livro segundo, Marx começa efetivamente a expor uma teoria da dinâmica econômica, mesmo que sem esse nome. Segundo Grossmann, é ali que se introduz a noção de tempo e de ciclos a envolver as diversas manifestações (figuras) particulares do capital, isto é, capital-mercadoria, capital produtivo e capital-dinheiro. Ora, cada uma dessas manifestações particulares percorre seu próprio ciclo dentro da circulação do capital e isso só é possível, normal, em condições excepcionais de funcionamento, a saber, equilíbrio entre preços e quantidades, ou seja, de valores e valores de uso. Diz Grossmann: “O equilíbrio só seria possível, segundo Marx, sob o pressuposto irrealista da constância dos valores e da técnica. Em realidade, como essa condição não é realizável, então o ciclo do capital deve-se mover ‘anormal’, isto é, em desequilíbrio.”<sup>13</sup> Todos os momentos apresentados no livro segundo, do capital-dinheiro, passando pela distinção entre capital fixo e circulante, até a reprodução ampliada, supõem o equilíbrio entre preços (oferta e demanda) e a constância tecnológica.<sup>14</sup> Ou seja, acabam por evidenciar o caráter anárquico e disfuncional da dinâmica capitalista, que não apresenta nenhum dos dois aspectos. Produz, justamente, inovação, concentração monopolista e, finalmente, desequilíbrio entre os diversos setores da economia. Uma das passagens mais significativas da *reprodução simples* é justamente a reposição de capital fixo, na qual, independente da própria produção capitalista, Marx situa a necessidade constante de superprodução para a mera manutenção, reprodução do estoque de produção.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Grossmann, *ib.*, p. 64 e ss.

<sup>13</sup> Grossmann, *ib.*, p. 66.

<sup>14</sup> Grossmann, *ib.*, p. 74: “A condição de equilíbrio do sistema completo da produção capitalista é uma dupla proporção de seus elementos fundamentais.”

<sup>15</sup> Cf. MEGA II/13, p. 433 e ss.: “Isso [reposição de capital fixo – LdD] só pode ser remediado pela constante superprodução relativa; por um lado, uma quantidade determinada de capital fixo que é produzido a mais do que o diretamente necessário; por outro lado, especialmente, estoque de matéria prima etc. que excedem as imediatas necessidades anuais (isso vale particularmente para meios de subsistência). Essa

Ademais, qualquer desequilíbrio, no tempo e duração de um dos ciclos, bem como nas quantidades de um segmento da economia, seja indústria, seja departamento, proporcionará crise de superprodução, uma vez que, segundo Grossmann, qualquer desequilíbrio é maximizado pelo próprio sistema. De maneira sutil, esse autor critica justamente as tentativas de autores de marxistas de solucionar o problema, ou por outra, de vislumbrar sua solução prática em mercados isolados e sempre sob a perspectiva do valor, a desconsiderar os valores de uso envolvidos. Desconsideraram, segundo ele, a afirmação marxiana contida na abertura do capítulo da reprodução simples:

“Porém, na medida em que ocorra acumulação, a reprodução simples sempre constitui uma parte dela, portanto, pode ser considerada por si e é um fator real da acumulação. O valor do produto anual pode diminuir, embora a massa dos valores de uso permaneça igual; o valor pode permanecer o mesmo, embora a massa de valores de uso diminua; massa de valor e massa de valores de uso reproduzidos poderiam cair ao mesmo tempo. Tudo isso decorre de a reprodução ocorrer em circunstâncias mais favoráveis ou menos do que antes, podendo essa última resultar numa reprodução incompleta – insuficiente. Tudo isso só pode dizer respeito ao lado quantitativo dos diversos elementos da reprodução, mas não ao papel que desempenham como capital que se reproduz ou renda reproduzida no processo global.”<sup>16</sup>

Assim, o equilíbrio entre demanda e oferta, isto é, o equilíbrio via preços é uma contingência do sistema.<sup>17</sup> A constante inovação tecnológica implica superprodução, lucros extraordinários e monopólio. Porém, com a difusão da inovação, o equilíbrio resta apenas um momento fugaz, numa indústria ou mesmo em todo o mercado. Em verdade, o modo de produção capitalista é antes afastamento do equilíbrio, uma vez verificado o primeiro desequilíbrio entre valor e valor de uso, isto é, entre preço e base material de reprodução. Grossmann encerra seu opúsculo de 1941 justamente fazendo menção ao livro de 1929 no ponto mais importante de seu desenvolvimento: na reprodução, nem todo o mais-valor produzido é acumulado, isto é, investido. O consumo do capitalista compete com as exigências cada vez maiores de se fazer frente ao investimento, em meio, por um lado, a lucros cadentes, por outro, base material mais e mais ampla.

Essa tematização de Grossmann, conquanto não fosse nova, teve o mérito de situar o pensamento marxiano no coração do debate que teria início no pós-guerra, acerca da

---

forma de superprodução equivale ao controle da sociedade sobre os meios objetivos de sua própria reprodução. No interior da sociedade capitalista, porém, ela é um elemento anárquico.”

<sup>16</sup> MEGA II/13, p. 367.

<sup>17</sup> Grossmann cita a conhecida passagem do capítulo 50 do livro terceiro: “A concorrência tem de se responsabilizar por explicar todas as incompreensões dos economistas, enquanto, ao contrário, os economistas deveriam explicar a concorrência.” (MEGA II/15, p. 838). Ao longo de todo o livro terceiro, Marx critica a economia política por tomar a aparência pela essência quando trata da concorrência, isto é, que seria ela responsável pela determinação de preços etc. Esquece-se, porém, de analisar o fato de que a diferença entre custos de produção e preços de mercado é uma das responsáveis pelo constante desequilíbrio no mercado.



dinâmica econômica. Por outro lado, porém, estava marcada pela mesma perspectiva de outros autores marxistas da primeira metade do século, aquela da derrubada do capitalismo, centrada no desequilíbrio e na contradição permanente, enquanto o prolongamento da utilidade histórica do capital propõe, agora, justamente a análise de outros aspectos da obra marxiana, exatamente aqueles que o próprio Marx tratou de apontar, isto é, a capacidade de o sistema absorver, ainda que a custo elevadíssimo, as próprias crises e contradições que cria. Se o duplo caráter do trabalho está presente em todos os momentos dessas contradições, há que se voltar ao ponto em que, segundo Marx, essa contradição é utilizada não para uma reposição do equilíbrio, mas para a manutenção do sistema. Cabe analisar, portanto, alguns temas do livro terceiro, ainda que em caráter preliminar. Por outro lado, avaliar os desenvolvimentos da ciência econômica, ela mesma transformada não mais instrumento de apologética da vida burguesa, mas em ferramenta de salvação.

### **3. Dinâmica econômica e crise: da completude categorial de *O Capital***

A produção da crítica da economia política foi fortemente influenciada, em seu ritmo, pelas crises do período. De fato, entre os *Grundrisse*, pensados como um livro sobre a crise, e a publicação do livro primeiro de *O Capital*, em 1867, houve duas crises que marcaram uma e outra obra.<sup>18</sup> Envolvido com a publicação do livro primeiro, Marx pouco pôde analisar a crise de 1866, o que viria a fazer em 1868, tomando diversas notas das publicações *The Economist* e *Money Market Review*.<sup>19</sup> Quando chegou o momento de publicar o livro terceiro, Engels utilizou os esboços redigidos entre 1863 e 1865<sup>20</sup>, mas não considerou os cadernos de notas produzidos em 1868. Não cabe aqui apontar a riqueza de um e outro escrito, mas estabelecer os elementos que Marx buscava delinear em 1865 com vistas ao fechamento de sua teoria.<sup>21</sup> Sem esses textos, a compreensão da proposta marxiana de uma dinâmica econômica perde precisamente seu caráter, uma vez

---

<sup>18</sup> São conhecidas as cartas de 1857, em que Marx afirma que pretende terminar o que seria publicado como os *Grundrisse* antes do “dilúvio”. Cf. a carta de 8 de dezembro de 1857, endereçada a Engels. Susumu Takenaga (2013: 9), por sua vez, afirma que, em 1866, Marx ainda não tinha analisado com precisão os elementos da crise de então, absorto que estava pela edição do livro primeiro.

<sup>19</sup> Cadernos B-109 e B-113, sobretudo, ainda não publicados na quarta seção da MEGA. Sobre esses cadernos e a pesquisa marxiana em 1868, cf. De Paula et. alii (2013).

<sup>20</sup> *Manuscrito Econômico de 1863-1865*, publicado pela primeira vez em 1992 no volume II/4.2 da MEGA, parte do chamado “terceiro esboço” de *O Capital*.

<sup>21</sup> As crises que se sucederiam na década de 1870 chamariam a atenção de Marx para novos aspectos que ainda não abordara até então. O manuscrito de 1863-1865, porém, serve de exemplo cabal do procedimento necessário para abordar a dinâmica econômica em Marx, seus limites de então e, sobretudo, suas possibilidades. Trata-se, antes, de uma agenda de pesquisa que merece sempre ser retomada.

que se pode postular, a partir apenas de categorias isoladas<sup>22</sup>, o caráter explosivo do capitalismo e a sua inviabilidade a partir de um determinado momento, algo formulado, por exemplo, pelo próprio Grossmann.

O livro terceiro, em sua concepção de 1863 a 1865, deveria ser o fecho de *O Capital* porque trata do mundo da aparência, em que o valor da força de trabalho se converte em salário, o mais-valor, em lucro e renda da terra emerge como proveniente do próprio monopólio desse fator. Nesse âmbito, o capital aparece em sua forma fetichista acabada, isto é, como o dinheiro capaz de produzir mais dinheiro (D – D'), o capital portador de juros. Sem considerar esse percurso analítico, pouco ou nada pode ser dito sobre as crises periódicas da sociedade capitalista. Essa a tarefa a que se impõe Marx: compreender a aparência do sistema completo, para nela descobrir, desvelar sua essência.

O livro terceiro, como planejado por Marx, deveria encerrar, por assim dizer, o capital em sua singularidade, isto é, a síntese do capital em sua universalidade do livro primeiro como o capital em suas determinações particulares – particularidade – descritas no livro segundo. Em sua singularidade, o capital aparece como produtor de lucro, ajustado pela concorrência. Os três fatores, na aparência, são remunerados segundo sua contribuição na produção, como se fossem indiferentes, ou por outra, na concepção moderna, substituíveis entre si. Assim, no terceiro esboço, o *Manuscrito de 1863-1865*, seguindo vários planos desenvolvidos nos anos anteriores, Marx desenvolve o seguinte percurso, em sete capítulos: 1) A conversão do mais-valor em lucro; 2) Conversão do lucro em lucro médio; 3) A lei da tendência de queda da taxa de lucro; 4) Conversão do capital-mercadoria e do capital-dinheiro em capital comercial e capital financeiro ou mercantil; 5) Divisão do lucro em juro e ganhos de empresa. (Lucro industrial ou comercial)<sup>23</sup>; 6) Conversão do lucro extraordinário em renda da terra; 7) Rendimento e suas fontes. Essa exposição é bastante conhecida do leitor familiarizado com o livro terceiro. Cabe ressaltar o fato de que, antes da publicação do primeiro livro, Marx já havia delineado todo o material a ser exposto, isto é, já possuía um plano lógico para sua obra, ao contrário do que dizem os detratores mais vulgares de sua obra. Os problemas que enfrentou nos anos

<sup>22</sup> Lei geral de acumulação, reprodução, tendência de queda da taxa de lucros etc.

<sup>23</sup> O quinto capítulo é composto das seguintes seções: 1) O capital portador de juros; 2) Divisão do lucro. Taxa de juro. A taxa natural de juro; 3) Juro e ganho de empresa; 4) Reificação do mais-valor e das relações capitalistas em geral na forma do capital portador de juros; 5) Crédito. Capital fictício; 6) Pré-capitalista. Essa seção nos interessa mais de perto aqui.

seguintes, conquanto pudessem oferecer novos desafios analíticos para Marx, não invalidariam a completude categorial de *O Capital*.<sup>24</sup>

Além disso, importa aqui destacar o modo como foi urdida uma teoria da dinâmica capitalista por Marx e suas perspectivas contemporâneas, razão pela qual se traz à colação esse texto póstumo. A dinâmica marxista deve explicar, em primeiro lugar, o caráter catastrófico do modo de produção capitalista, a maneira como engendra e prospera com suas pausas e retrocessos, isto é, com suas crises. Embora estivesse latente no duplo caráter do trabalho sob o capital, embora fosse bastante possível nas distinções de capital-mercadoria, capital produtivo e capital-dinheiro, bem como nos departamentos em que circulam, a crise só emerge de forma completa no processo global de produção capitalista, isto é, na forma fetichista de apresentação do capital. Assim sendo, há que se examinar, as indicações de Marx acerca da crise e, muito principalmente, o modo como o sistema é capaz de superá-la, quer dizer, a capacidade detectada por Marx de o capital prorrogar sua utilidade histórica. No *Manuscrito de 1863-1865*, essa perspectiva emerge, de modo preliminar, nos referidos capítulos quarto e quinto. Longe de chegar a uma forma acabada, Marx ali toma notas que paulatinamente vão-se dispersando, ainda que com um objetivo precípuo: analisar as categorias do sistema na forma como se diluem em função de uma crise e também nos momentos de prosperidade. Com efeito, as crises capitalistas, a partir do século XIX, aparecem sempre na esfera mais superficial, jamais na produção tomada em si mesma.

O gradiente em que se situa Marx em todo o “terceiro esboço” de *O Capital* é aquele da reificação acabada do capital, isto é, sua transformação em mercadoria objeto de demanda e oferta, cujo preço é precisamente a taxa de juro.<sup>25</sup> Transformado em fetiche, o capital pode ser objeto de um mercado em que se possibilitam e ampliam precisamente as relações entre trabalho objetivado e trabalho vivo. Esse processo, ao contrário do que imagina a teoria canônica, parece invertido, isto é, o crédito se expande e, com isso, a produção. Marx afirma exatamente o contrário: o crédito é que se expande em tempos de prosperidade material, de expansão da produção, sendo elástico em relação a ela. Isso ocorre em razão das propriedades e atributos do dinheiro estabelecidos no início do livro

---

<sup>24</sup> Interessante notar que, em outro texto 1929, sobre os planos de redação de *O Capital*, Grossmann (1929b) advoga exatamente a completude categorial da obra marxiana e a necessidade da leitura do desenvolvimento da pesquisa (esboços do livro) e sua forma de exposição, ou seja, a obra efetivamente publicada.

<sup>25</sup> Cf. MEGA II/4.2, p. 466, em que Marx cita *The Economist* de 19 de julho de 1851: “toda a riqueza do mundo da qual deriva a renda transformou-se há muito tempo em juro sobre o capital”.

primeiro, a saber, o dinheiro, como meio de circulação e meio de pagamento, em tempos de aceleração econômica, tem aumentada sua velocidade de circulação, de modo a remunerar uma maior rentabilidade (mais-valor) dos diversos capitais, ou por outra, do capital global da sociedade.<sup>26</sup> O processo de reprodução acelerado implica aceleração da circulação de dinheiro para liquidações de operações, pagamentos entre capitalistas, bem como para remuneração do capital variável em expansão, ou seja, a demanda por capital aumenta e o dinheiro tem de ser capaz de satisfazer tanto esses pagamentos quanto a própria circulação de mercadorias (meio de troca), isto é, a oferta de crédito se expande. O crédito, porém, não tem o poder de gerar renda efetiva para o capital, mas apenas diferir, no tempo, o circuito entre as três formas do capital, adiantando ao capitalista o capital-dinheiro que espera obter ao final de todo o processo de circulação e produção de seu capital, como se ocorresse o processo  $D - D'$  sem mediações.

O período de contração econômica, por outro lado, implica o movimento contrário, a saber, diminuição da circulação do dinheiro como meio de circulação e pagamento, em razão da queda de preços, salários e do número de transações. Nesse momento, o crédito diminui e os juros apresentam um comportamento peculiar. Marx diz:

“Se considerarmos os ciclos em que a indústria moderna se move – estado de tranquilidade, crescente animação, prosperidade, superprodução, crise, estagnação, tranquilidade etc. – (...) descobrimos que, geralmente, baixas taxas de juros correspondem a períodos de prosperidade ou de lucros extraordinários, aumento no juro é a fronteira entre prosperidade e seu reverso, mas o máximo de juro até a extrema usura corresponde à crise.”<sup>27</sup>

A crise exige uma “acomodação monetária”, inexistente no caso da prosperidade. Consiste precisamente no fato de que a oferta de capital como tal diminui, mas não a demanda de crédito, como o senso comum e vulgar indica. No momento da crise, a demanda pelos capitais particulares, isto é, mercadoria, dinheiro e capital produtivo diminuem. Porém, a demanda por capital financeiro, bancário, aumenta na forma de crédito, fazendo com que os juros subam. Isso ocorre, segundo Marx, para que os capitalistas em dificuldade tenham acesso a parte do valor poupado por toda a sociedade, pressionando assim o capital bancário, seja na forma de ações, títulos do governo (títulos de propriedade sobre o capital), para que se converta em capital-dinheiro. Há, com isso, uma pressão não sobre o capital, mas especificamente sobre o capital bancário. Esse processo, em última análise, resulta na transformação do capital-dinheiro em dinheiro mundial, eventualmente a retornar para os centros financeiros do mundo. Assim, o

<sup>26</sup> MEGA II/ 4.2, p. 509: “período de *most elastic and easy credit*”.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 433.

circuito se fecha, da dualidade entre valor de uso e valor, que possibilita o surgimento do dinheiro, por sua vez, a ser transformado em capital. Aqui, o capital se torna novamente dinheiro para satisfazer a demanda por meios de circulação e pagamento das próprias pessoas do capital. A crise promove, com isso, uma redistribuição do estoque de valor disponível na sociedade, o que só é possível na forma de dinheiro.

Segundo Marx, o principal sintoma desse mecanismo é a pletora de capitais que, após períodos de expansão, não encolhe durante a crise, mas simplesmente muda de mãos, ou de forma. A contração na produção implica menos capital produtivo, menos oportunidades de investimento. Com isso, o estoque de capital bancário, financeiro, tem de se converter em dinheiro novamente. Seu estoque, com isso, aumenta na inversa proporção do capital produtivo.<sup>28</sup> Assim, a consistência das hipóteses iniciais, no início de *O Capital*, resta mantida: a crise tem início na produção, com uma oferta abundante e queda de preços, o momento preponderante, excesso de valores de uso, inovação, diminuição do valor das coisas. O mecanismo de contágio se dará em nível global, no balanço de pagamentos, com queda da oferta de capital (crédito), perda de dinheiro mundial e alta de juros, mudança do balanço dos bancos. O capital financeiro e sua transformação em dinheiro para circulação e pagamento, finalmente, medirão a transferência de valores entre capitalistas, entre os diversos ramos de produção e, finalmente, a proporção entre capital constante e variável.<sup>29</sup> Marx diz:

“Por exemplo, na fase adversa do ciclo industrial, a taxa de juros sobe a um alto nível, de modo a devorar os lucros por algum tempo. Ao mesmo tempo, os preços de títulos públicos e outros caem. Esse é o momento em que a massa de capitalistas investe nesses títulos depreciados para que, nas próximas fases, eles subam além de seu nível normal. Então, eles serão vendidos a qualquer preço e, assim, uma parte do capital financeiro do *publicum* será apropriada. A parte que é mantida porque comprada abaixo do preço terá seu retorno aumentado. Todos os lucros obtidos, porém, e que eles reconverterão em capital são, primeiro, convertidos em capital para empréstimo, financeiro. A acumulação desse último, diferente da acumulação real, embora seu fruto, é que ocorre, portanto, mesmo quando consideramos apenas os *capitalistas financeiros* (banqueiros etc.) por si mesmos, como acumulação dessa *classe particular* de capitalistas. E eles têm de prosperar a cada expansão de crédito, já que ela acompanha a expansão real do processo de produção.”<sup>30</sup>

O capital financeiro é, ele mesmo, uma parte de todo o estoque de capital, ainda que na forma de títulos sobre o capital produtivo. A crise promove, assim, uma redistribuição entre esses dois gêneros de capitalista, eventualmente em nível internacional. O papel do crédito, nesse momento, é precisamente de unificar os diversos circuitos do sistema,

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 541. Não seria exigível, mas aqui está implicado o papel da política monetária depois de 1929.

<sup>29</sup> Cf. p. 553: “(...) depois de cada período de crise, o nível mais elevado de capital financeiro do ciclo industrial precedente se torna a base do nível mais baixo do período seguinte.”

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 557.

fazendo com que a crise atinja, ao mesmo tempo, todos os indivíduos envolvidos na vida econômica. Eventualmente, parcelas inteiras da vida produtiva de um país são sacrificadas nesse processo. Uma contração no crédito implica que, para se garantir a convertibilidade do dinheiro (existência autônoma do valor) em mercadorias, muitas delas serão sacrificadas para que se garanta essa autonomia, isto é, o funcionamento da acumulação de trabalho social. E Marx arremata, de modo um tanto surpreendente: “Isso é inevitável na produção burguesa e constitui uma de suas belezas.”<sup>31</sup>

Nestas breves páginas, tendo corrido o risco verdadeiro de empobrecer a exposição marxiana, cabe destacar, em primeiro lugar, a coerência analítica e expositiva de seu percurso, na década mais importante de sua trajetória intelectual, da mercadoria à crise do sistema, uma vinculada à outra. Em segundo lugar, a completude do sistema e sua capacidade compreensiva não podem ser mensuradas pelos percalços que implicaram a incompletude da redação definitiva. Os quase vinte anos que separam a formulação de *O Capital* da morte de seu autor, naturalmente, produziram uma série de fatos e acontecimentos econômicos, que teriam grande influência sobre a reflexão e exigiriam novos estudos. Marx bem o sabia, dois anos depois de redigir as linhas aqui apresentadas, dedicou-se a longas leituras e notas sobre a crise de 1866, como se disse. Em terceiro lugar, o que não espanta, mas causa incômodo: o silêncio cínico outorgado à crítica da economia política, no que se refere à dinâmica econômica, não merece qualquer adjetivo polido. Trata-se de questão que transcende o conhecimento e interesse científicos, situada que está no estrito âmbito da política e da ideologia.

### **Conclusão: tudo será como antes**

Sempre causa estranheza ao leitor mais perspicaz a ausência da obra marxiana em debates cruciais no século passado e no presente. Foi assim com a questão da Ontologia, tem sido assim com questões importantes da ciência econômica. Marx renasce apenas como personagem caricato em circunstâncias nada cômicas da vida econômica, caso de 2008. Não é surpreendente, portanto, que toda uma tematização sobre a dinâmica econômica tenha sido desenvolvida a partir, sobretudo, da Depressão de 1929, sem qualquer menção a Marx, razão pela qual se enfatizou aqui a obra de Grossmann. Keynes, por exemplo, fundador de uma importante perspectiva sobre o tema, nunca foi capaz de reconhecer qualquer valor para a obra marxiana. Sua visão de mundo e seu momento depõem a seu

---

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 594.

favor. Décadas depois, porém, o desprezo nada tem de natural, é sintomático. Se é aqui excessivo abordar o debate sobre Marx e Keynes, cabe, porém, analisar outro autor para o qual Marx aparece efetivamente como um recalque.

Entre nós, de fato, Michal Kalecki alcançou status crucial no ramo da heterodoxia econômica. Ao contrário dos prosélitos de sempre, os neoclássicos, austríacos, novoclássicos etc., que jamais denegaram seu papel social no mundo, a heterodoxia econômica pretende, bem ao contrário, promover o bem universal, a propor medidas de salvação de todos e, sobretudo, do capital. O ambiente intelectual em que Kalecki desenvolve sua obra é bastante similar ao de Grossmann, o ponto de partida, porém, é bastante diverso: uma sociedade de empresários e trabalhadores sem história, pronta e acabada. Não há gênese nessas relações, muito menos no poder de compra de que dispõem os empresários. Tomam decisões de investir e, com isso, a dinâmica do ciclo se desenvolverá. Essa caricatura não diz muito, apenas ideologicamente. O fato crucial de sua análise é que não parte do valor, pior, não parte das coisas, como o faz Marx. Para Kalecki, os determinantes do investimento, o motor do desenvolvimento e crescimento capitalistas, existem *ex nihilo*, poupança das firmas, taxa de lucro crescente e taxa de crescimento do capital fixo, essa última, inversamente proporcional. O lucro, por sua vez, é obtido pelo *mark up*.<sup>32</sup> A combinação dessas variáveis produz o ciclo econômico.<sup>33</sup> Será necessário, no futuro, avaliar essa teoria como, em primeiro lugar, absoluto contraponto, como mundo teórico invertido: onde Marx parte do trabalho, lá está o capitalista kaleckiano. No momento em que emerge o mais-valor relativo, Kalecki nos oferece uma tediosa tematização sobre inovações. Enquanto Marx teoriza a taxa de juros a partir da taxa de lucro, Kalecki nos oferece um mercado monetário independente. Finalmente, a crise em Marx, endogenamente explicada, em Kalecki, a crise de 1929 aparece como um ponto dentro da curva. A conclusão, inevitável, é a salvação do sistema.

A exposição apresentada aqui, além disso, busca chamar atenção para a intrigante descrição marxiana das *belezas* do capitalismo. Deve ser lida a partir de todo o percurso: o capitalismo, em verdade, é um modo social de vida, um modo de trabalho social. Deve-se remetê-la, portanto, às páginas finais da *Acumulação Primitiva*: a contradição entre forças produtivas e modo de intercâmbio anuncia a superação do mundo alienado, fetichista e estranhado do capital. O ciclo econômico, mesmo que à custa de grandes sacrifícios e a elevado preço social, sempre poderá ser perpetuado. Não procedem, por

---

<sup>32</sup> Kalecki (1954), p. 53 e ss.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 119 e ss.

um lado, afirmações de marxistas contemporâneos de uma crise interminável, de um teto para o capital.<sup>34</sup> O teto, quem o enfrenta, é o mundo do trabalho. Por outro lado, não cabe postular, agora, a sempiterna utilidade do capitalismo, na teoria ou na prática.

## Referências

- BORGES NETO, João Machado. **Duplo caráter do trabalho, valor e economia capitalista**. São Paulo: USP, 2002.
- CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DE DEUS, Leonardo. Do marxismo à marxologia: fortuna e perspectivas das edições das obras completas de Marx e Engels. DE PAULA, João Antônio. **O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857 – 1858)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DE PAULA, João Antônio et alii. Notes on a Crisis: The *Exzerptheft*e and Marx's Method of Research and Composition. **Review of Radical Political Economics**, 45 (2), 2013.
- DE PAULA, João Antônio. O 'outubro' de Marx. **Nova Economia**, 18 (2), 2008
- FREEMAN, Alan. CARCHEDI, Guglielmo. **Marx and non-equilibrium economics**. Brookfield: Edward Elgar, 1995.
- GROSSMANN, Henryk. **Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems**. Leipzig: C. L. Hirschfeld, 1929 (1929a).
- GROSSMANN, Henryk. Die Änderung des ursprünglichen Aufbauplans des Marxschen "Kapital" und ihre Ursachen. In: **Aufsätze zur Methode und Krisentheorie bei Karl Marx**. [editor desconhecido]; [data desconhecida]. (1929b)
- GROSSMANN, Henryk. **Marx, die klassische Nationalökonomie und das Problem der Dynamik**. Frankfurt: Europäische Verlagsanstalt, 1969 (1941).
- HECKER, Rolf. A história desconhecida da primeira publicação dos *Grundrisse* sob o stalinismo. In: DE PAULA, João Antônio. **O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857 – 1858)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- KALECKI, Michal. **Theory of economic dynamics**. Nova York: Routledge, 2003 (1954).
- LUKÁS, Georg. **Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins**. Munique: Luchterhand, 1984.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Gesamtausgabe**, II/3.2. Berlim: Dietz, 1977

---

<sup>34</sup> Mészáros, v.g.



- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Gesamtausgabe**, II/4.2. Berlim: Akademie, 2012.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Gesamtausgabe**, II/13. Berlim: Akademie, 2008.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Gesamtausgabe**, II/15. Berlim: Akademie, 2004.
- ROKITJANKIJ, Jakov G. Die “Säuberung” – Übernahme des Rjazanov-Institutes durch Adoratskij. VOLLGRAF, Cark-Erich et alii. **Stalinismus um das Ende der ersten Marx-Engels-Gesamtausgabe (1931 – 1941)**. Berlim: Argument, 2001.
- RUBIN, Isaak. **Studien zur Geldtheorie von Marx**. Berlim: Argument, 2012.
- TAKENAGA, Susumu. **Marx’s excerpt notebooks on the crisis of the mid-1860’s**. (Conferência apresentada na UFMG em 28/11/2013, disponível em <https://sites.google.com/site/economiapoliticacontemporanea/noticias/visitadoprofessorsusumutakenagaaocedeplar>).